**8. O GESTOR PÚBLICO COMO PROMOTOR DA CIDADANIA E A DISCIPLINA DA EXECUÇÃO PARA ALCANÇAR RESULTADOS**

**Graças à vida**

Graças à vida, que me deu tanto

Me deu dois olhos que quando abro

Diferencio perfeitamente o preto do branco

E lá no céu, o fundo estrelado

E nas alturas, o homem que eu amo

Graças à vida, que me deu tanto

Me deu o dia que em toda a sua amplitude

Pega grilos e canários dia e noite

Martelos, motores, latidos, (hubazcos)

E a voz tão tenra do meu amado

Graças à vida, que me deu tanto

Que me deu o som e o abecedário

Com ele, as palavras que penso que falo

Mãe, amigo, irmão e a luz que ilumina

O caminho da alma de quem estou amando

Graças à vida, que me deu tanto

Me deu o caminhar dos meus pés cansados

Com eles caminhei por cidades e campos

Praias e desertos, montanhas e planícies

E pela sua casa, sua rua, seu quintal

Graças à vida, que me deu tanto

Me deu o coração que agita seu passo

Quando olho o fruto do cérebro humano

Quando vejo o bem tão longe do mal

Quando vejo o fundo dos seus olhos claros

Graças à vida, que me deu tanto

Me deu o riso e o pranto

Assim eu diferencio a felicidade do sofrimento

Os dois materiais que formam meu canto

E o seu canto é o mesmo que o meu

E o canto de todos é o meu próprio canto

Graças à vida... graças à vida

***Os irmãos Nicanor e Violeta Parra nasceram em uma família de cantores folclóricos do Chile conhecidos mundialmente por suas belas canções. E entre as melodias consagradas pelo público estão as de protesto contra o governo. Violeta, considerada a mais importante folclorista e fundadora da música popular chilena, se suicidou, em fevereiro de 1967, após o fracasso da turnê pela Bolívia no ano anterior e pelo dramático final do relacionamento amoroso com seu terceiro marido, o músico suíço Gilbert Favre.***

**8.1 O CONCEITO DE CIDADANIA**

A cidadania é uma conquista que depende do esforço de toda uma comunidade. Mas, ao mesmo tempo em que é necessário que todos estejam envolvidos nessa luta, ela se torna mais eficaz e tem maiores chances de obter sucesso quando conta com líderes comprometidos com os interesses do grupo.

Dirigentes dotados com uma visão ampla das questões que estão em jogo e capazes em despertarem a confiança dos seus liderados, motivando-os a participar, de forma organizada, das ações necessárias para se alcançar o objetivo desejado. Ou seja, o direito à plena cidadania.

**8.2 DEFINIÇÃO DE CIDADANIA**

* Todos os seres humanos são iguais perante a lei, sem discriminação de raça, credo ou cor.
* A todos cabe o domínio sobre seu corpo e em relação a sua vida.
* Todos têm direito a um pagamento justo pelo seu trabalho ou a meios condizentes para garantir uma vida digna.
* Todos têm direito à educação, à saúde, à habitação, ao lazer.
* É direito de todos votarem, expressar-se livremente, atuarem em partidos políticos e sindicatos, participarem de movimentos sindicatos, lutarem por seus valores.
* Todos os cidadãos têm responsabilidades em conjunto pela coletividade.
* Todos devem cumprir as leis e as normas elaboradas e decididas coletivamente.

O texto anterior contém a essência da noção sobre cidadania, conforme está prevista na Constituição Federal. A cidadania é o reconhecimento e o exercício de direitos e deveres por parte de todos os seres humanos que fazem parte de uma nação.

Todos os brasileiros são considerados cidadãos iguais entre si, com os mesmos direitos civis, sociais e políticos.

No entanto, o fato de os direitos dos cidadãos estarem escritos na Constituição não certifica que eles sejam respeitados. E não garante também que o cidadão cumpra com os seus deveres.

Inúmeras pessoas estão sem casa, sem emprego, sem comida, sem saúde, sem educação, sem rosto e sem voz.

|  |
| --- |
| ***“Na verdade a cidadania é algo que precisamos conquistar. A certeza de que todos nós temos direito à vida no sentido mais pleno gera em nós uma força capaz de nos fazer indignar contra a injustiça e a opressão. É essa força que nos ajuda a construir a realidade que desejamos.”*** |

**8.3 EXEMPLOS DE CIDADANIA**

Todas as vezes que lutamos pelos nossos direitos e pelos direitos de todos, estamos exercitando a cidadania. Estamos exigindo que respeitem a nossa condição de cidadãos.

O voto consciente também é uma ação da cidadania, porque depende de nós a eleição de pessoas comprometidas com os interesses de toda a comunidade e não apenas de certo grupo de pessoas.

Exercemos a cidadania muitas vezes no cotidiano: no trabalho, no respeito às pessoas, em um gesto solidário, na educação dos nossos filhos, no pagamento dos impostos, no cumprimento de nossos deveres, no respeito ao patrimônio público, enfim, em todas as ações que promovam a nossa dignidade e a das outras pessoas.

Todos nós temos responsabilidade social. Fazemos parte do governo, direta ou indiretamente, ao votar e ao exigir dos nossos representantes o cumprimento das promessas defendidas. Somos os defensores dos nossos direitos, ao exigir que eles sejam cumpridos, por meio da participação em movimentos sociais, como associações de bairro, sindicatos, entidades diversas, partidos, igrejas ou escolas. Participamos no desenvolvimento da nossa comunidade com o nosso trabalho, ou ações em benefício das pessoas mais necessitadas, das crianças e dos idosos, por exemplo.

**8.4 BASE DA CIDADANIA**

A base da cidadania é a consciência dos direitos e deveres, a fraternidade e a Ética. Ela acontece na forma com que nos relacionamos diretamente com as pessoas, na preservação do meio ambiente e na construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Todo gesto de cidadania é um gesto de cuidado com a vida.

Temos o direito de sonhar com a comunidade que queremos para nós e para os nossos filhos. Todas as mudanças nascem de um sonho, desde que esse sonho, que no início era de uma pessoa apenas, venha a se tornar o sonho de muitos.

|  |
| --- |
| ***“Exercemos a cidadania em todas as ações que promovem a nossa***  ***dignidade e a das outras pessoas”*** |

Construímos melhores condições para nós e para nossa comunidade quando nos organizamos em grupos, formando os sindicatos, as cooperativas, as entidades de classe, as associações de moradores, os partidos políticos e as organizações não governamentais. Um grupo de pessoas ordenadas em torno de um objetivo comum tem mais poder para demandar e para conquistar o que considera imprescindível.

Assim, os nossos sonhos se tornam realidade por meio da organização social, que representa a busca de soluções conjuntas para os problemas da comunidade. Precisamos, então, nos estruturar de forma competente. Isso significa aprender a cooperar, a trabalhar em equipe, a criar parcerias, a dialogar, a respeitar as diferenças e a lidar com os conflitos.

Todos nós somos importantes. Todos nós temos contribuições a dar. Não devemos nos omitir da luta em busca do futuro melhor. Nem podemos deixar para os outros a solução dos nossos problemas.

|  |
| --- |
| ***“O exercício da cidadania nos faz erguer a cabeça e tirar os olhos do chão. Eleva a autoestima e nos faz conhecer o nosso valor.”*** |

**8.5 POSICIONAMENTO DAS PESSOAS COM RELAÇÃO À CIDADANIA**

Todas as pessoas são cidadãs, mas entendem isso de várias maneiras. Com relação aos direitos, o cidadão geralmente se posiciona de cinco formas diferentes:

* **O inocente** – desconhece seus direitos;
* **O acomodado** – espera passivamente que seus direitos sejam reconhecidos pelos outros;
* **A vítima** – só sabe se queixar, mas não age na defesa de seus direitos;
* **O chato** – vive cobrando os seus direitos, mas de forma errada;
* **O cidadão consciente** – está comprometido com os direitos da cidadania e sabe cobrar de forma correta e responsável o respeito a esse direito.

Em relação à RESPONSABILIDADE SOCIAL temos também cinco tipos de posturas diferentes:

* **O destrutivo** – desrespeita os interesses coletivos, rejeita qualquer participação e envolvimento e dificulta a participação das outras pessoas;
* **O alienado** – omite-se; deixa de cumprir suas responsabilidades;
* **O burocrático** – cumpre somente o que é definido como sua função pela lei ou pelas regras sociais;
* **O teórico** – conhece suas responsabilidades, mas na prática nada faz para cumpri-las;
* **O cidadão envolvido** – sente-se responsável e atua para mudar e melhorar aquilo que sabe que está errado.

|  |
| --- |
| * **Exercemos o nosso papel de cidadãos quando desenvolvemos e colocamos em prática a nossa liderança, buscando tornar os direitos da cidadania uma realidade para todos os brasileiros. Quando ocupamos os nossos lugares e resgatamos o que é nosso por direito. Quando lutamos pela justiça social, pelo bem-estar da população. Quando ajudamos a diminuir a miséria, a fome, o desemprego. Quando promovemos o direito à vida e à dignidade humana.** |

De nada adianta ficarmos reclamando das dificuldades reclamando das dificuldades sem apresentar alternativas. Precisamos usar os nossos talentos e nossa criatividade para transformarmos a comunidade e o mundo em espaços melhores. E nos tornarmos melhores também.

Somente a prática da cidadania constrói uma nação mais digna. O país só será grande se todos fizerem a sua parte.

|  |
| --- |
| **“Todos somos responsáveis pelo destino de todos.”** |

**8.6** **O SIGNIFICADO DE SER “CIDADÃO”**

Como todo conceito extensivamente utilizado, a palavra “cidadania” tem sofrido distorções de uso e esvaziamento de significado. Perdemos o senso de cidadania, de tanto que usamos o termo. Tem gente que acredita que é uma série de direitos individuais. Outros têm apresentado o conceito como um sinônimo de patriotismo. Ainda há equívocos que comparam cidadania a direitos de consumidor – que estão dentro do contexto, mas não o preenchem completamente.

Talvez não seja possível restringir o termo cidadania a uma definição estrita. Porém algum exercício de reflexão precisa ser feito dentro desse conceito para que possamos, verdadeiramente, viver o estado cidadão. A premissa básica é de que a cidadania trata de um contexto coletivo. Não está relacionada exclusivamente ao indivíduo, mas à sua relação com a sociedade – o que pressupõem direitos e deveres.

O indivíduo cidadão tem o direito à liberdade, ao desenvolvimento sustentável e aos fatores que lhe permitam viver condignamente – como saúde, educação, transporte, segurança e trabalho. Cidadão é quem tem direito à socialização sem discriminações, à Justiça e, especialmente, a viver dentro de uma condição social que proporcione paz e prosperidade. A lista de direitos poderia até seguir. Porém a cidadania não se limita aos direitos e se faz, realmente, a partir da prática consciente dos deveres. Os direitos são um fruto do pleno exercício dos deveres de toda a sociedade.

Se cada um respeitar as normas de trânsito, por exemplo, todos se sentirão respeitados. Assim, um dever se torna um direito. Os deveres da cidadania estão todos relacionados ao exercício da coletividade; ao interesse pelo desenvolvimento social sustentável – que passa pelo consumo consciente da água, pela reciclagem do lixo, pelo uso adequado dos recursos naturais. Cidadania também está ligada ao engajamento na gestão coletiva da sociedade, elegendo representantes condignos, participando de movimentos sociais e comunitários, defendendo direitos coletivos e apontando alternativas para o progresso social que não prejudiquem os princípios do respeito ao outro e ao meio ambiente.

A palavra respeito tem sido a chave da cidadania e pressupõe consciência, gentileza, transparência, inclusão e pacificação. Precisamos apenas nos aprofundar em cada um desses conceitos para garantir nossa cidadania...

Consciência é a qualidade que nos permite ter clareza sobre a melhor forma de agir diante de determinada circunstância, sem ferir nenhum princípio humano fundamental e sem afetar nosso próprio sistema de valores. Quanto maior a consciência, mais fácil é a tomada de decisão. Tudo o que decidimos é fruto do nível de consciência em que nos encontramos. Para o desenvolvimento de uma coletividade verdadeiramente cidadã, será necessário um amplo processo de desenvolvimento da consciência.

A gentileza é outro item relativo ao respeito, porque é um sintoma de equilíbrio pessoal. A primeira coisa que atropelamos quando saímos desse estado interior de equilíbrio é a gentileza. E, ao perdermos essa qualidade, atropelamos tudo e todos que estão ao nosso redor. A gentileza é, portanto, um “contar até 10” interior. É a visão de que a convivência precisa ser estimulada para tornar o mundo melhor e mais harmonioso.

A transparência é a condição na qual, coletivamente podemos fazer o diálogo aberto, em que a honestidade, a franqueza e a lealdade são valores inalienáveis. E a transparência só será viável se começar em cada um de nós, sem jogos, sem interesses escusos, sem corruptos e corruptores – não importa em que medida.

|  |
| --- |
| **“Quando formos capazes de ver cada criança ou idoso como parte de nossa família, então poderemos falar de cidadania”.** |

A inclusão é uma atitude que tomamos diante do outro. É quando, elegendo como ação a não discriminação, eliminamos o julgamento e a rotulação do outro a partir de suas dificuldades. Inclusão é: superar nossos preconceitos e manifestar um real interesse pelo potencial que pode ser despertado e desenvolvido em cada ser humano.

Por fim, a pacificação é um estado de desarme interior. Deixamos de formar pequenos feudos, os quais julgamos precisar ser defendidos. Saímos das expressões “meu espaço”, “minhas coisas”, “minhas ideias”, “minha família”, para uma dimensão maior que pressupõe o “nosso espaço”, a “nossa sociedade”, etc.

Quando formos capazes de ver cada criança, adulto ou idoso como parte de nossa própria família, então poderemos falar em cidadania. Antes disso, será apenas uma palavra que ainda não ganhou seu real significado.

**8.7 SOBRE O CONCEITO DE LIDERANÇA**

A liderança está respaldada em quatro premissas.

**A primeira é a absoluta certeza de que o líder não faz sozinho.** O dirigente preciso do grupo para efetivar ações. Nessecaso, estimulando a participação, a autonomia, a autoestima, o respeito às diferenças e a confiança entre as pessoas, possibilitando a conexão da liderança a valores e necessidade fundamentais para o homem do século XXI.

**A segunda é que liderar é um exercício rigoroso da Ética.** Ética em seu sentido original, com respeito à singularidade e ao modo próprio de ser de cada um. Ética no sentido de participação no desenvolvimento e aproveitamento das potencialidades das pessoas.

**A terceira se traduz na inquietude do líder, em busca permanente pela mudança**, do saber que nasce da convivência com as pessoas, este estado de inquietude **o remete ao futuro,** um futuro do qual ele não larga a mão.

**A quarta e última tira o líder do centro da cena e o coloca junto com o grupo**, a liderança neste último estágio se transforma num ato de verdadeira humildade.

|  |
| --- |
| **Precisamos de um novo paradigma de liderança, que transforma o individual e o social e que seja comprometido com os valores e princípios morais “fundamentados na livre pesquisa da verdade, inspirado pelo sentimento de transcendência e guiado em suas capacidades para o serviço altruísta à coletividade”.** |

Esse novo paradigma pressupõe a existência de um líder que defenda à coletividade. Esse líder não quer dominar e nem está em busca de benefícios pessoais. Ele quer servir. “Servir é o verbo a ser conjugado em todos os tempos e condições. Requer autocontrole, algo muito mais desafiador que o controle de outrem”. A grande motivação para uma vida nobre é estar sempre buscando.

## 8.7.1 DOS TRILHOS ÀS TRILHAS

O grande desafio dos líderes de hoje, é sair dos trilhos para as trilhas, da estrada confortável para o caminho estreito a ser inventado, o fio cortante da navalha. Não temer o desconhecido, nem o falatório dos vizinhos, nem o ostracismo pelo mérito da singularidade.

Afinal, o que é um líder? Compreendo que um autêntico líder é, sobretudo, uma pessoa que se conheceu e se conquistou, aprendendo a liderar a si mesmo. Você lidera seus pensamentos, seus sentimentos, suas atitudes? Você é o Senhor em sua própria casa. Esta questão nos conduz ao coração dessa contradição tremenda modernidade.

Nos últimos séculos, desenvolvemos ciência e tecnologia fabulosas, espetaculares. Inventamos maquininhas fantásticas! Porém, não houve o correlato adiantamento das dimensões psíquica, emocional, valorativa, Ética, noÉtica e o despertar da essência espiritual. Temos uma tecnociência incrível, sem alma, sem coração, sem espírito. Como uma espada de Dâmocles presa por um fio de cabelo sobre a cabeça da humanidade. Então, antes de falarmos sobre liderança é necessário perguntar: o que é o ser humano?

É preciso dizer sim para o caminho, a partir do desejo de evoluir, dar sempre o passo seguinte em alguma via de individuação a ser inventada e desbravada.

### 8.7.2 LIDERANÇA: SE A SEMENTE NÃO MORRER

Espero que tenha ficado claro que só podemos falar, de forma lúcida e consciente, sobre liderança quando explicitamos nossa visão do ser humano.

De acordo com uma liderança xamânica, “Primeiro, eu ensino meu povo a escutar”, uma escuta ampla, uma escuta justa. Ao escutar, você perceberá que tudo está ligado com tudo. “Não há como” – diz o poeta e também o físico-, “arrancar uma flor no seu jardim sem mexer com as estrelas”.

Uma borboleta alça voo na Austrália e um tufão percorre as costas dos Estados Unidos. Tudo está ligado a tudo. Com essa consciência, o passo seguinte é obvio: tudo se encontra em transformação, tudo está mudando, onde você pisar é ponte, só há mutação! Não há o que passa nem há aquilo que faz passar, só há passagem.

Quando você acorda para essa realidade, não mais se sente proprietário da terra. Toca-me muito como algumas sociedades tribais reivindicam a terra. Esses especiais sem-terra não reivindicam a terra para que seja deles: “Precisamos da terra por que nós somos da terra. Como vamos viver sem a terra se ela é nossa mãe, se a ela pertencemos?”

**8.7.3 O INÍCIO DA JORNADA DO HERÓI**

Quanto à liderança há três estágios na nossa evolução natural para realizar a semente da maestria em cada um de nós. Trata-se de uma jornada heroica. Uma travessia do inconsciente, orientada pela bússola da vocação. Uma grande aventura rumo à conquista do Ser.

**8.7.3.1 DO LÍDER CENTRADO NA TEORIA, NA IDEOLOGIA OU NA TÉCNICA.**

No primeiro estágio, podemos falar do líder centrado na teoria, na ideologia ou na técnica. Essa é a infância do nosso processo de amadurecimento da semente singular do potencial de autorrealização. Para não partir do ensaio e erro, precisamos estudar os antigos, os que nos antecederam na busca.

Então, nós aprendemos técnicas, teorias e nelas nos centramos, o que nos traz um pouco de segurança em nossas incertezas. Adotamos verdades que não são nossas e fazemos como aquele boiadeiro, conforme o Dhamapada, que só conta o gado alheio. Isso é bastante justo quando somos criancinhas. Precisamos da mão dos antigos, como aquele peregrino que está caminhando e se depara com um rio em seu caminho.

Há uma canoa na sua margem. Ele desconhece a profundidade do rio, as suas ondas. O que você acha que é a atitude sensata? Utilizar a canoa, ou se arriscar nadando? Utilizar a canoa, evidentemente. Não foi ele que a construiu, mas ela está ali, disponível.

Agora, ao terminar a travessia do rio de sua própria insegurança e imaturidade, imagine essa pessoa olhando para a canoa e dizendo: “Sem isto eu não sou ninguém!”; colocando-a em cima da cabeça e continuando, com esse fardo, a sua caminhada. Esta imagem bem pode representar o líder centrado na teoria e na técnica. É isso que nos traz um drama que denominamos de esclerose metodológica e psíquica.

**A CAMA DE PROCUSTO**

Procusto, da mitologia grega, é um personagem bastante hospitaleiro, que obriga o seu infeliz hóspede a se adaptar a sua cama. Caso ele seja maior, para adaptá-lo à cama, Procusto corta suas pernas, naturalmente. Caso ele seja menor, terá as suas pernas esticadas. Muito ocasionalmente, o hóspede é do tamanho da cama. Ou seja, da altura de Procusto.

E não são assim as escolas normóticas, com seus currículos rígidos e maciços, mutiladores da singularidade do aprendiz? Não são assim, também, os líderes e autoridades que tratam os outros como números e objetos sem face, centrados em alguma técnica ou teoria, que acabam tornando-se ultrapassadas e obsoletas?

Há uma história antiga, que fala de uma pessoa que procurava um objeto na rua, debaixo de um holofote. Alguém lhe perguntará: “É aí que você o perdeu?” E ela responde: “Não, eu o perdi lá em casa, mas aqui está mais claro”.

Às vezes ficamos procurando a realidade na clareza artificial de mitologias explicativas e tecnologias mirabolantes, e não onde ela se encontra, no fluxo permanente, na transitoriedade do instante, no interior de nossa casa escura. Infelizmente, a maior parte das pessoas fica capturada nessa rede cômoda da mesmice, jamais assumindo a autoria, o lugar do sujeito da própria existência.

**8.7.3.2 A MATURIDADE**

O segundo estágio introduz numa outra qualidade de liderança, que podemos denominar de líder centrado na pessoa, no problema, no aqui-e-agora. Esse é um líder que está disposto a jogar fora as suas tecnologias, teorias e metodologias, caso estejam interferindo na sua relação com a realidade viva, que não tem endereço fixo, a realidade sempre mutante, o momento inusitado. Para você estar afinado com o processo da realidade, você também precisa ser mutante! Esse líder já ilumina um auditório.

Um grande profeta desse tipo de liderança foi Carl Rogers, que partia do principio que todo ser humano tem tendência ao autodesenvolvimento à autorrealização e a autorregulação, bastando, para sua atualização, que haja um terreno fértil. E é aqui que se coloca uma palavra nova: o facilitador. Trata-se de propiciar ou facilitar um terreno fecundo, onde cada indivíduo é convidado a se tornar aquilo que é.

Com o resgate da visão e da escuta, esse líder adapta o seu mapa cognitivo e o seu instrumental ao aqui e agora da pessoa e à questão particular envolvida. A visão gera teorias e técnicas, enquanto seguir cegamente uma metodologia não gera nenhuma visão.

Olhar bem e longamente para os olhos de um ser humano, entretanto, pode iniciar-nos em algo que transcende o próprio ser humano. Como indicava Teilhard de Chardin, o ser humano é o sacerdote da Criação. É um itinerário de realização que começa sempre com o primeiro passo: inclinar o coração para aprender.

**8.7.3.3 A MAESTRIA**

O terceiro estágio, que incluiu os anteriores, é a excelência na arte de liderar: a liderança holocentrada. O líder holocentrado é o que se conectou, religou-se à totalidade. Ele se deu conta de que não está dissociado da sociedade, do ambiente, do universo, do Grande Mistério.

É o líder que escuta as sincronicidades, o cochicho dos eventos que se conectam numa unidade indissociável, desvelando sentidos.

É um líder que se faz ponte entre os reinos, capaz de comungar com o Todo. Ele escuta a voz dos Antigos sussurrando que Deus dorme nos minerais, sente nos vegetais, sonha nos animais, desperta no ser humano e desfruta de si mesmo no sábio, no iluminado.

Este é um líder ligado na tomada universal, que despertou e conectou os seus dois hemisférios cerebrais: o hemisfério racional, científico e tecnológico com o hemisfério poético, místico e da comunhão; o hemisfério analítico com o hemisfério sintético; o hemisfério esquerdo com o hemisfério direito: as duas asas que uma borboleta necessita para voar; as duas pernas que um ser humano necessita para empreender uma jornada com coração. Metaforicamente, podemos falar que é um líder centrado no corpo caloso, constituído de milhões de neurônios, que conectam os dois hemisférios cerebrais.

O enfoque holístico não é nem analítico e nem sintético; não é científico e nem espiritual. Implica comunhão e sinergia entre duas naturezas. Duas virtudes. Ou seja, inteligências complementares e convergentes que se aliam na tarefa de apreensão e compreensão do real.

Como indica Capra, a ciência não precisa da espiritualidade, pois tem o seu caminho analítico próprio. A espiritualidade não precisa da ciência, pois tem o seu caminho sintético próprio. O ser humano necessita de ambas!

|  |
| --- |
| **Portanto, esse é um líder na sua excelência, que ousou resgatar suas asas sem perder suas raízes, que pode rezar com o poeta Menotti Del Picchia:**  Goza a euforia do voo do anjo perdido em ti.  Não indagues se nossas estradas, tempo e vento  Desabam no abismo.  Que sabes tu do fim?  Se temes que teu mistério seja uma noite,  Enche-o de estrelas.  No deslumbramento da ascensão, se pressentires que amanha estarás mudo, esgota, como um pássaro, as canções que tens na garganta.  Canta, canta.  Talvez as canções adormeçam a fera que espera devorar o pássaro.  Desde que nasceste não és mais que o voo no tempo rumo aos céus?  Que importa a rota!  Voa e canta enquanto existirem as asas. |

Esse líder se manifesta por intermédio da amorosidade compassiva. É preciso ousar dizer que o espírito é o amor. O espírito é amor em movimento, em ação. O autentico sinal de que alguém está habitado pela grande vida não são milagres e feitos maravilhosos. É o Amor incondicional e gratuito que indica a Presença do Criador na Criatura; do que Ser que é no Ser que passa. É na direção deste Oásis, do Ser e do Amor, que estamos caminhando. Na travessia pelos desertos da existência.

O amor está no inicio, está no meio e está no fim. É a primeira e derradeira lição na escola da existência. Estamos aqui para aprender a amar. Naturalmente você serve e aprende a doar. Alguns dão do que têm e outros, o que sabem. E há aqueles que doam o que são. Na história da humanidade eles ficaram conhecidos como grandes mestres. São os notáveis líderes.

E a humanidade sempre nos ofereceu o testemunho de verdadeiros seres humanos que nos convocam a subir nossas próprias montanhas, retornando à Fonte Original. Assim, caminhamos toda a existência para retornar à nossa morada de Essência, de onde jamais partimos!

**8.7.4 OS ELEMENTOS QUE REGEM O MUNDO – A COMPREENSÃO DO LÍDER**

“Um barco navega para o leste e o outro para o oeste, levados pelo mesmo vento. É a posição das velas e não a ventania que nos dá o rumo. Como os ventos no mar, assim é o destino; e quando viajamos pela vida, é a posição da alma que decide seu rumo , não a calmaria dos ventos ou a rivalidade das ondas”.

Disciplina é pagar o preço da transformação da visão em realidade. É lidar com os fatos difíceis, pragmáticos, brutais da realidade e fazer o necessário para que as coisas aconteçam. A disciplina surge quando a visão se junta à dedicação.

|  |
| --- |
| <https://www.youtube.com/watch?v=WjWeJbOVYP8>A arte de liderar - Mário Sérgio Cortella<https://www.youtube.com/watch?v=1Qfj4GK1dt8>TRANSFORMAR A REALIDADE: NOVOS TEMPOS, NOVAS ATITUDES,,Mario Sergio Cortella | Palestra |

**8.7.4.1 A visão, a disciplina e a paixão regem o mundo**

Quando a consciência governa a visão, a disciplina e a paixão, a liderança resiste e muda o mundo para melhor.

Em outras palavras, a autoridade moral faz funcionar a autoridade formal. Quando a consciência não rege a visão, a disciplina e a paixão, a liderança não resiste, nem as instituições criadas por essa liderança. Em outras palavras, a autoridade formal sem autoridade moral fracassa.

Hitler tinha visão, disciplina e paixão, mas era levado pelo ego. A falta de consciência provocou sua queda. A visão, a disciplina e a paixão de Gandhi eram impulsionadas pela consciência e ele se entregou à causa e ao povo. Repetindo, ele só tinha autoridade moral, não autoridade formal, e ele foi o pai e o fundador do segundo maior país do mundo.

Quando a visão, a disciplina e a paixão são regidas por uma autoridade formal destituída de consciência ou autoridade moral, elas também mudam o mundo, mas não para o bem e sim para o mal. Em vez de elevar, destrói; em vez de durar, acaba sendo extinta.

**8.7.4.2 VISÃO**

Visão é ver um estado futuro com os olhos da mente. A visão se aplica à imaginação. Todas as coisas são criadas duas vezes: primeiro, uma criação mental; depois, uma criação física. A primeira criação, a visão, é o início de reinvenção da própria pessoa ou da organização.

William James disse, “A maioria das pessoas vivem num círculo muito restrito de seu ser potencial. Todos nós temos reservas de energia e gênio, às quais recorre e que nem sonhamos ter”.

Quando perguntamos a Einstein o que perguntaria a Deus, se tivesse essa possibilidade, ele respondeu: “Como começou o universo? Porque, a partir daí, tudo é apenas matemática.” E, depois de pensar um pouco, mudou de ideia. Disse: “Não, iria perguntar. Por que o universo foi criado? Porque então eu saberia o significado da minha vida.”

Talvez a mais importante das visões seja o desenvolvimento do eu, um sentimento do nosso destino, da nossa missão especial, um senso de propósito e destino. Ao testar nossa visão pessoal, devemos nos perguntar primeiro: a visão inclui minha voz, minha energia, meu talento especial? Traz um sentimento de “vocação”. Uma causa que mereça minha dedicação?

**8.7.4.3 DISCIPLINA**

Sim, mas é mais fácil ensinar a jogar tênis a execução, o fazer acontecer, o sacrifício de fazer o que for necessário para concretizar a visão. A disciplina é a força de vontade incorporada. Peter Drucker observou certa vez que o primeiro dever de um gerente é definir a realidade. A disciplina define a realidade e a aceita; é a disposição de mergulhar total nela, em vez de negá-la. Aceita os fatos inflexíveis, brutais, das coisas como elas são.

Na realidade, o oposto é verdadeiro ao das paixões. Só os disciplinados são verdadeiramente livres. Os indisciplinados são escravos do momento, dos apetites. Acredito, sinceramente, que a disciplina é um traço comum de todas as pessoas bem-sucedidas.

As pessoas sem disciplina são incapazes de se subordinar e se sacrificar. Elas simplesmente brincam no trabalho. Em certo sentido, cada dia útil se torna um longo baile à fantasia. Passam o dia criando cortinas de fumaça. Enviam e-mail detalhando o trabalho que estão fazendo. Telefonam relatando o status dos projetos. Promovem longas reuniões para discutir como fazer as coisas.

Geralmente, as pessoas que gastam o seu tempo procurando desculpas não têm foco e nem disciplina. Tropeços são inevitáveis. Contudo, a infelicidade é escolha. Sempre há razões, nunca uma desculpa.

**8.7.4.5 PAIXÃO**

O entusiasmo está profundamente enraizado na capacidade de escolha, mas do que nas circunstâncias. As pessoas entusiastas acreditam que a melhor maneira de prever o futuro é criá-lo. Na verdade, o entusiasmo se torna um imperativo moral, tornando a pessoa parte da solução mais do que parte dos problemas de se sentir desesperançado e desamparado.

“Onde se cruzam os talentos e as necessidades do mundo, é aí que está nossa vocação.” É o que alimenta a visão e a disciplina. É o que nos dá força para continuar quando tudo o mais pode nos levar a desistir. Quando a vida, o trabalho, a diversão e o amor giram em torno da mesma coisa, aí temos a paixão!

O fundamental para criar paixão em nossa vida é descobrir nossos talentos exclusivos e nosso papel e nosso propósito no mundo. É essencial nos conhecer antes decidirmos qual o trabalho que desejamos realizar. A máxima grega “conheça-se, controle-se, dedique-se”.

Aqueles que fazem no correr da vida grandes contribuições são os que, embora com receio do que bate à porta, respondem. A coragem é a essência da paixão são, como afirmou Harold B. Lee certa vez, a qualidade de toda virtude agindo em patamar mais elevado.

Muitas vezes confundimos as habilidades pessoais com talento. As habilidades, contudo, não são talentos. Mas os talentos requerem habilidades. As pessoas podem ter habilidade e conhecimento em áreas onde seu talento não está. Quando as pessoas têm um emprego que exige suas habilidades, mas não seus talentos. As organizações nunca poderão tirar partido da sua paixão ou da sua voz.

Se pudermos contratar pessoas, cuja paixão combine com o cargo, elas não precisarão de qualquer supervisão. Elas se gerenciarão melhor do que qualquer supervisor o poderia fazer. Sua inspiração e encorajamento nascem internamente e não no público. A motivação é interna e não externa.

Basta nos lembrarmos dos momentos em que nos apaixonamos por um projeto. Por algo tão fascinante e interessante que mal podemos pensar em outra coisa. Precisamos de gerenciamento ou supervisão nessas horas? Claro que não.

A ideia de alguém nos dizendo como e quando produzir se revela um insulto. Quando nos dedicarmos a um trabalho que é a somatória de necessidade, talento e paixão, descobrimos novas forças.

**8.7.4.6 CONSCIÊNCIA**

Emanuel Kant disse: “Constantemente fico admirado por duas coisas; o céu estrelado lá em cima e a lei moral aqui dentro.” A consciência é a lei moral interior. A consciência é essa pequena voz interior. É calma. Traz paz. O ego é tirânico, despótico e ditatorial.

O ego se concentra na sobrevivência, nos prazeres e na melhoria de nós próprios excluindo todos os outros e é egoisticamente ambicioso. Vê os relacionamentos em termos de ameaças ou não ameaça, tal como as criancinhas, que classificam as pessoas em “boas” e “más”. A consciência, por outro lado, democratiza e eleva o ego, levando-o a um sentimento mais amplo de grupo, de todo, de comunidade, de maior bem. Vê a vida em termos de servir e contribuir. Está atento à segurança e à realização dos outros.

O ego funciona quando nos deparamos com a autêntica crise, mas não tem discernimento para decidir qual a gravidade da crise ou da ameaça. O ego não pode dormir. Micro gerencia. Tira nossa autonomia. Reduz nossa capacidade. Ai, controlar se supera. A consciência respeita profundamente as pessoas e vê seu potencial de autocontrole.

A consciência nos fortalece. Reflete o mérito e o valor de todas as pessoas e afirma sua capacidade e sua liberdade para escolher. A consciência nos ensina que os fins e os meios são inseparáveis, que os fins na verdade são anteriores aos meios. Emanuel Kant nos ensinou que os meios usados para atingir os fins são tão importantes quanto os próprios fins. Maquiavel nos ensinou o oposto, que os fins justificam os meios.

Vejamos as sete cosias que, de acordo com os ensinamentos de Gandhi, podem nos destruir. Se as estudarmos devagar e com atenção, veremos claramente que cada uma representa um fim atingido mediante meios sem princípios ou sem valores:

|  |
| --- |
| * **Riqueza sem trabalho** * **Prazer sem consciência** * **Conhecimento sem caráter** * **Comércio sem moralidade** * **Ciência sem humanidade** * **Adoração sem sacrifício** * **Política sem princípios** |

Em nossos negócios, conhecemos quem é honesto conosco e cumpre suas promessas e responsabilidades. Também conhecemos exatamente os que têm duas caras, são enganadores e desonestos. Mesmo que fechemos um contrato legal com alguém desonesto, será que acreditamos verdadeiramente que ele manterá sua palavra?

É a consciência que constantemente nos diz o valor dos fins e dos meios e como eles são inseparáveis. Mas é o ego que nos diz que os fins justificam os meios, esquecendo que um fim meritório nunca poderá ser atingido por meios desprezíveis.

Quando as pessoas lutam para viver de acordo com a sua consciência, obtêm integridade e paz de espírito. William J. H. Boetcker, pastor protestante e palestrante motivacional nascido na Alemanha, disse no início do século XX:

|  |
| --- |
| “**Para manter nosso respeito próprio é melhor desagradar as outras pessoas fazendo o que sabemos ser certo do que agradá-las temporariamente fazendo o que sabemos que é errado.”** |

#### 8.8 COMO IDENTIFICAR UM VERDADEIRO LÍDER

Existem dois aliados que nos permitem reconhece um líder. Um é o tempo. O outro é o espaço que deixa aos que o seguem, para expressarem suas iniciativas e os seus talentos.

O verdadeiro líder estimula a participação dos demais e aceita que discordem dele. As pessoas o respeitam porque ele as dirige por meio do saber e não pelo mero exercício do poder.

Um sintoma da presença de um líder com efeitos positivos para a organização é a qualidade da equipe executiva da qual se cerca. Talento busca talento. Além disso, um bom líder preocupa-se com o futuro da organização e contrata profissional capaz de muni-lo, caso necessário. Os medíocres, por sua vez, cercam-se de medíocres e pretendem se perpetuar em sua hipotÉtica condição de imprescindíveis.

|  |
| --- |
| **A missão do líder é formular, explicitar e colocar em pratica a missão da organização. Atua como um ideólogo. Por outro lado, a missão não é uma declaração estabelecida por decreto. Exige a participação e o comprometimento da organização como um todo**. |

|  |
| --- |
| **O QUE UM LÍDER PODE FAZER PARA ESTIMULAR UM COMPORTAMENTO HONESTO E EFICAZ DE SEUS SUBORDINADOS?**  **Falar com franqueza, estabelecer as bases do jogo, explicar o que se pode esperar dele, o que ele espera dos demais a ser muito exigente e justo. Pessoalmente, desconfio cada vez mais dos chefes que não exigem, porque isso significa que não acreditam no talento de quem está sob seu comando.** |

Por outro lado, para que a vida tenha sentido, é preciso encontrar estimulo no trabalho. A maioria de nós quer projetos que nos coloquem à prova e nos permitam crescer. Um sentimento que permeia tanto alguém com cinco anos, que nunca segurou em sua mão uma raquete, como uma pessoa com 30 anos, que jogou mal nos últimos 20.

O processo de aprendizagem dos adultos começa, na maioria das vezes, com o uso do sistema de esquecimento de vícios e erros. O líder deve explicar muito bem o motivo da mudança. Demonstrar como o mercado e a concorrência evoluem e deixar claro que não se trata de um capricho, mas que são necessários esforços e atitudes diferentes. Depois, é preciso estimular e apoiar os que estão a favor e dispostos a colaborar.

Um líder deve ser, em primeiro lugar, bem-dotado de inteligência lógico-matemática, a fim de ter rigor de raciocínio e domínio dos números e das finanças.

Também é importante que tenha inteligência linguística, ou seja, a capacidade de expressar o pensamento de forma oral e escrita. Tradicionalmente, essa inteligência era característica dos políticos, professores, advogados e palestrantes. Atualmente, elas estão presentes entre os gestores de organizações.

Em terceiro lugar, deve contar com inteligência interpessoal. É imprescindível saber lidar com uma equipe. Interpretar os gestos e os silêncios. Dar a palavra a uma pessoa com boas ideias, apesar de tímida. Silenciar o prepotente que fala sem cessar.

Além disso, os líderes criativos têm inteligência artística. Os visionários são dotados da inteligência espacial, pois antecipam cenários futuros como se os tivessem vivido.

Por fim, muitos gozam do que Howard Gardner, em seu livro *Frames of Minds*, chama de “inteligência física”, que consiste em harmonizar o corpo e a mente, a fim de superar o estresse. Fico tranquilo com os líderes equânimes, calmos e em paz. Desconfio dos hiperativos, histéricos e viciados em trabalho.

Cada um é responsável por sua própria carreira. Lutam por seu plano de desenvolvimento sem esperar a motivação dos superiores.

Não precisa ficar à espera do plano do chefe. As motivações são internas e, cedo ou tarde, o reconhecimento da organização vai chegar. E se não chegar, sempre haverá outra organização na qual se trabalhar.

Não tenha medo. Que seja humilde. Que pergunte, ouça, tome decisões, assuma seus erros e aprenda com eles. Que mantenha os olhos bem abertos, porque a mudança é constante. Que “agarre o touro à unha”, assumindo a condução da sua formação. Matricule-se em seminários e cursos aos quais estaria interessado em assistir. E, se trabalhar numa organização que fixa tetos artificialmente baixos, lembre-se apenas de uma coisa: está casado com a organização?

**8.9 ÁRVORE DAS COMPETÊNCIAS DE LIDERANÇA**

Liderar é obter o comprometimento de pessoas com ideias, objetivos, metas ou projetos em comum. Isso abre espaço para algumas questões:

* O dono de uma empresa pode ser considerado líder?
* O presidente de uma associação comunitária é líder?
* O prefeito de uma cidade é líder?

**A resposta para todas as questões é: DEPENDE**

Usaremos a imagem da árvore como símbolo para identificar três aspectos essenciais do perfil do líder comunitário.

Uma árvore é composta por três partes: raízes, tronco e copa, esta com suas folhas e frutos. Ao relacionarmos o desenho da árvore com o perfil do líder, podemos estabelecer algumas comparações.

**8.9.1 A RAIZ CORRESPONDE ÀS ATITUDES**

As atitudes são formadas pelo conjunto de crenças e valores desenvolvidos ao longo da vida. É por meio das suas atitudes que o líder obtém a confiança em seus liderados.

O grau de envolvimento e comprometimento das pessoas com os objetivos, metas e projetos coletivos está diretamente relacionado com a maneira como o líder age e expressa seus valores e crenças.

Se ele acredita, por exemplo, que é uma pessoa importante na construção de um mundo melhor para se viver, as suas atitudes certamente o conduzirão a um esforço em direção às mudanças necessárias. Ao contrário, se ele não acredita que pode mudar o curso da história, sua atitude será de passividade e conformismo.

A atitude é o início de tudo e o principal componente da liderança. Está relacionada com “querer e ser e querer agir”.

|  |
| --- |
| **Que atitudes favorecem o fortalecimento da raiz?**   * Crença na própria capacidade de liderança. **(Autoestima)** * Crescimento pessoal permanente**. (Autodesenvolvimento)** * Quebra de resistência, de preconceitos. Abertura ao novo. Ousadia e flexibilidade**. Inovação / Criatividade)** * Ausência de falsidade, esperteza, cinismo, politicagem. Respeito ao ser humano e a todas as formas de vida. **(Ética)** * Interesse pelo bem comum e pelo desenvolvimento da comunidade. Iniciativa de organização social. **(Participação cidadã)** * Trabalho em equipe, ajuda mútua e parcerias. Crença no potencial construtor de um grupo. **(Cooperação e empreendedorismo)** * Aceitação e respeito às diferentes crenças, opiniões, raças e posições políticas. **(Tolerância)** * Aceitação dos diversos pontos de vista, com tomada de decisões levando em conta várias formas de perceber a situação. Modificação da postura de ter que “vencer a discussão” e “ter razão sempre”. **(Diálogo)** * Capacidade em compartilhar os sentimentos e as necessidades das outras pessoas, como se estivesse na situação e nas circunstâncias experimentadas por elas**. (Empatia**) * Visão ampliada. Compreensão de que tudo está inter-relacionado. **(Visão sistêmica)** |

**8.9.2 O TRONCO CORRESPONDE AO CONHECIMENTO**

O conhecimento é o segundo fator de competência de liderança.

Trata-se do conjunto de informações que a pessoa adquire e utiliza quando precisa. Quanto maior o conhecimento, mais a ação de liderança se fortalece, permitindo que o líder enfrente com flexibilidade e sabedoria os diversos desafios do seu cotidiano.

Alguns comportamentos tornam a caminhada do líder divertida e rica em experiências, como procurar ver além das fronteiras e muros rotina do dia-a-dia, perceber as novas necessidades da comunidade e buscar as fontes de pesquisa que contêm informações úteis ao desempenho de suas funções.

|  |
| --- |
| **Fontes de conhecimento**   * Leitura de livros, revistas e jornais variados * Participação em reuniões da comunidade * Participação em eventos comunitários * Contatos com outras lideranças * Rede de contatos formada por pessoas da comunidade * Acompanhamento dos noticiários na TV * Pesquisa na Internet |

**8.9.3 A COPA (COM SEUS FRUTOS, FLORES E FOLHAS) CORRESPONDE ÀS HABILIDADES**

Agir obtendo resultados positivos, tendo como base os valores, as crenças e o conhecimento, é o que chamamos de “habilidade”.

Algumas pessoas acumulam um baú de informações e têm dificuldade de abri-lo para uso. Com o tempo, o baú é esquecido e ninguém se beneficia de seu conteúdo.

As habilidades precisam ser demonstradas na prática. O líder, além de ter o conhecimento, precisa demonstrá-lo por meio de ações úteis para sua comunidade.

De nada adianta colecionar cursos, leituras e informações diversas, ou então cultivar crenças positivas, se estas não estiverem a serviço de algum benefício para a coletividade da qual o líder faz parte.

|  |
| --- |
| **Algumas habilidades essenciais de um líder**   * Comunicar-se bem com as pessoas * Conduzir reuniões eficazes * Administrar conflitos * Planejar * Negociar |

**8.10 AS SETE LIÇÕES DE LIDERANÇA**

1 – É preciso que o líder se empolgue com uma ideia, demonstre que acredita em seu potencial e no de seus seguidores. Cabe a ele instaurar um clima de entusiasmo e a confiança entre as pessoas – **(Capacidade para criar um clima de entusiasmo e confiança).**

2 – o caráter tem peso na liderança. As pessoas admiram nos líderes a coragem, clareza de valores, capacidade de incentivar os liderados e confiabilidade – **(Capacidade de se conduzir de forma coerente e Ética).**

3 – As pessoas esperam que os líderes enxerguem na frente, tenham senso de direção e visão de futuro: pé na terra e cabeça nas estrelas – **(Capacidade para lidar com os sonhos e colocá-los em prática. Perseguir metas).**

4 – A visão e os valores dos líderes devem ser coerentes com as aspirações das pessoas que eles representam, de modo a obter consenso e construir uma comunidade de valores partilhados – **(Capacidade de obter consenso e construir uma cadeia de valores partilhados).**

5 – A liderança não é um ato só. É o despertar da cooperação e da consciência de que fazer bem feito é diferente de tentar derrotar os outros – **(Capacidade de liderar de forma partilhada).**

6 – Não basta que o líder faça um discurso vibrante. Ele tem que liderar pelo exemplo e demonstrar sério comprometimento com o que faz e diz **– (Capacidade para agir de acordo com o discurso).**

7 – Liderança não é um lugar ou uma posição: é um processo. É um conjunto de coisas práticas, observáveis e passíveis de aprendizado – **(Capacidade para aprender e acompanhar as mudanças).**

**8.11 ÉTICA E CIDADANIA NO SERVIÇO PÚBLICO**

**ÉTICA E VALORES HUMANOS COMO ARTE E GARANTIA DE CONVIVÊNCIA**

Quando falamos em Ética como arte e garantia da convivência, precisamos saber o que entendemos por estes termos, para podermos ter um ponto comum da partida para o nosso trabalho. O termo Ética tem origem na Grécia. Com o passar dos tempos, o seu sentido foi se modificando e sendo ressignificado pelas culturas.

ETHOS – morada, habitat, toca de animais. Utilizado na Grécia, entre pré-socráticos, principalmente Homero e Hesíodo, para se referir a um espaço físico que garantisse segurança, sobrevivência e conforto para os indivíduos.

Aristóteles, em *Ética à Nicômaco*, redefine o termo, substituindo a especialidade física por uma disposição interna que revela o caráter, a índole, o hábito e o costume. Esta mudança mostra um novo foco nas investigações filosóficas, atendo-se, então, ao conhecimento, a alma, a beleza e a justiça.

Os romanos traduziram a Ética em mor-mores. O que significa norma, costume e regra, revelando um caráter normativo, autoritário e vertical. Ficava implícita obediência e uniformidade. Podemos ver que a Ética, que no princípio designava morada, foi lapidada para traduzir o caráter e a índole, que levam o homem ao bem absoluto que é a felicidade. (Aristóteles)

De que arte nós estaríamos falando aqui? Será a arte contemplativa? Referimo-nos, efetivamente, à arte com excelência em uma ação. Criativa, com objetivos claros e que garanta a realização de ações com maestria.

Convivência, com-viver, termo que significa viver junto. Podemos viver juntos de diversas maneiras. Os primeiros agrupamentos que se formaram, ainda na idade das cavernas, tinham como objetivo a segurança que o espaço proporcionava. A somatória de forças individuais para a caça e para sobrevivência. Portanto, a escolha não foi viver junto, mas uma contingência. De lá para cá estamos aprimorando nossa forma de conviver. Inúmeras experiências foram feitas no decorrer da história. Todas, todavia, tinham por foco algum interesse financeiro ou de poder.

Nos últimos anos percebemos que o nosso planeta, com seis bilhões de habitantes, continua a crescer. A diversidade e a pluralidade são cada vez mais imensas. Um cenário que nos leva a pensar que conviver em grupo é quase o único caminho. Mas de que forma conviver se há diferenças em idiomas, credos, raças, pensamentos, políticas, etc. Atualmente a globalização aproximou os mundos, por meio da Internet, dos mercados comuns, da unificação de algumas moedas. Quer dizer que algo que afeta alguns pode afetar muitos.

A história nos mostra, através de seus feitos, que o homem foi conquistando território, dentro e fora do planeta, mares e genes. Em toda parte temos indício da passagem e do estudo do homem. O que será que a humanidade ganhou neste tempo? Como estão as relações entre os pares, os familiares, os amantes. Como se dão os encontros?

Moreno, o criador do Psicodrama, ensina-nos que o encontro requer se despir de si e vestir-se no outro. Em total confiabilidade de entrega de poder ir e vir sem perder-se. Mas essa confiabilidade está alicerçada em uma Ética, que garanta que as intenções do outro sejam virtuosas, como nos ensina Aristóteles.

Virtudes estas que habitam nossa alma e nos guiam para o bem absoluto – a felicidade, que torna a vida desejável e sem carências. Para Aristóteles, o caráter e a índole são formados por um conjunto de virtudes que são aprendidas e exercitadas ao longo da vida. Eles indicam o caminho do meio, sem exceções e sem faltas.

Bem parece que para o grande pensador o exercício da Ética insere-se na convivência com o mundo que nos cerca, sendo uma disponibilidade individual. Ele não se atém às regras e às normas criadas pela sociedade para o convívio, como Kant, que acreditava que o exercício de respeitar as normas era o que tornava o homem com caráter. Para Kant a Ética não se traduzia pela regra, mas sim pelo ato do sujeito de respeitá-la por que ela existe.

Vários são os olhares sobre a Ética. Cada cultura imprime na sua verdade, os valores e os princípios que lhe são caros. Na cultura védica encontramos Ética como DHARMA (sânscrito). Princípio da ordem universal que sustenta todas as coisas. Nas diversas escolas orientais vamos perceber que a Ética está relacionada com posturas e ações frente a variadas situações cotidianas da vida, que são pautadas por alguns conjuntos de disciplinas e atitudes que norteiam para uma vida Ética.

No Judaísmo e no Cristianismo a Ética se traduz pelos mandamentos de cada religião. Importante perceber que nas várias culturas a Ética está vinculada a uma postura de vida que se relaciona com um compromisso interno. Atualmente, na nossa cultura, necessitamos de inúmeras regras e mandamentos para lembrar-nos de tomar atitudes Éticas.

Para os Budistas da Ásia Central, a Ética se traduz por atitudes que geram méritos e aqueles que geram deméritos. Podemos perceber que a Ética nas várias roupagens que tem, sustenta princípios que levam a atitudes que não ferem o outro em nenhum aspecto.

Bem, esta não é a realidade no decorrer da nossa historia sangrenta, manipuladora e violenta. Chegamos aos dias atuais, em pleno século XXI, sem saber como nos comportar em grupo. Necessitamos de toda a espécie de regras e leis para garantir a convivência suportável, embora a consciência social seja a de criar formas de burlar as leis sem ser descoberto.

A violência crescente que atinge a todos nas pequenas e grandes cidades, mostra que os valores considerados universais, como respeito à vida, à natureza, ser solidário e ter a noção de interdependência são desconsideradas. Quando citamos a violência não estamos falando somente de criminalidade, mas sim de todos os pequenos atos violentos do cotidiano – do desrespeito ao pedestre, ao motorista, da fala preconceituosa em relação a alguém, da bronca dada ao funcionário, da submissão imposta aos outros, do desinteresse pelas dificuldades de outrem.

São tantos os panoramas de violências na rotina que nos acostumamos com ela. Chega a nos parecer normal presenciar cenas de violentas difundida pela mídia. A valorização da cultura do ter em detrimento do ser, fazem perfeitamente normal um adolescente interno da Febem afirmar que a vítima foi morta por sua própria culpa, visto que teria acelerado o carro diante do susto em ser assaltado.

Como podemos entender essa fala? A voz que anuncia isto é de um menino de 14 anos e que garbosamente afirma não ter sido seu primeiro crime contra a vida humana. Qual a nossa responsabilidade sobre este garoto? Como convivemos em um mundo, permeado per estas falas e tantas mais de corrupção, de desmatamento, de abuso de menores, de abandonos, de pequenas e grandes transgressões nos diversos setores, sem ao menos nos dar conta de que algo está errado?

Essa desconfiança de que alguma coisa saiu errada, tem nos assolado por causa da violência crescente. Ou seja, o medo de não conseguirmos nos preservar enquanto espécie, nos alerta que temos que mudar o rumo. Qual nossa preocupação em estimular a reflexão da importância de uma postura Ética, que contemplem atitudes dignas.

Convencemo-nos de que se não conseguirmos mudar a forma com que as pessoas se relacionam entre si e com o planeta, não teremos muito com que nos preocupar em pouco tempo. Mas como se fazer essa mudança?

Quais os elementos necessários para que nós convivamos neste planeta de uma forma menos destrutiva? Se prestarmos atenção nos novos movimentos que nasceram na nossa sociedade, talvez tenhamos algumas pistas.

A preocupação e o engajamento crescente da sociedade civil e do setor privado no incentivo de novas formas de atenção a diminuição da exclusão social, revela que um novo pensamento toma forma em nossa cultura, privilegiando a cooperação em detrimento da competição. Certo que esta motivação cooperativa não pertence a todos os setores, mas aos poucos vai criando força e conscientizando o indivíduo que a responsabilidade do planeta é global.

Outro instrumento necessário foi a criação e a divulgação do Manifesto 2000 pela não violência, para tentar garantir, considerando o compromisso individual, uma possibilidade à mudança na postura da vida, que refletisse no coletivo.

|  |
| --- |
| **Se prestarmos atenção o Manifesto recoloca seis pontos básicos para todo o ser humano:**   * + Respeitar a vida * Rejeitar a violência * Ser generoso * Ouvir para compreender * Preservar o planeta * Redescobrir a solidariedade |

Estas novas estratégias que estão sendo criadas, só se tornaram possíveis, quando o homem evidenciou ao seu limite em ausência da humanidade. Agora tem que fazer um árduo caminho pela retomada do aspecto divino que existe em cada um de nós

**8.12 CONCEITO DE ÉTICA E DE MORAL**

Se neste momento pretendêssemos procurar conceitos de Ética e Moral num dicionário qualquer, encontraríamos mais ou menos as seguintes definições: a Ética é a parte da filosofia que trata das obrigações do homem e Moral é a ciência dos costumes. De maneira que à primeira vista pode-se observar que, em geral, o conceito de Ética reveste-se de certo “verniz filosófico”, enquanto que a Moral se reduz a uma série de normas que nos servem para melhor viver em comum a nossa vida cotidiana.

Se nos debruçarmos sobre a análise etimológica destas palavras, constataremos que Ética vem do grego “ethos”. Moral, por sua vez, tem origem no latim “mores”. Tanto “ethos” como “mores” significam costume. No entanto é importante se atentar para o fato de que na Antiguidade não se concebia um sistema de costumes em oposição a um sistema filosófico.

A filosofia como um todo tinha por finalidade a sua aplicação direta. Nenhum pensador se gabava em falar algo e agir de outro. Isto é unicamente próprio da época moderna. Ética ou Moral, ou antes, a teoria e a prática eram dois aspectos da mesma coisa, dois atalhos do mesmo caminho. Para empregarmos as palavras do Bhagavad Gita.

Como nos recordamos atualmente da civilização Grega? Através dos grandes artistas e filósofos. Isto fez com que o aspecto intelectual fosse considerado de um modo bem diferente do que era na antiga Grécia. Por outro lado, como é que recordamos os Romanos do Império? Pela sua ação guerreira, força imensa e vontade inquebrantável.

Temos aqui uma resposta possível do enigma: se Ética vem do Grego e Moral do Latim, este detalhe é suficiente para que na nossa mentalidade se identifiquem os termos com a civilização correspondente. Eis porque é que o conceito de Ética se relaciona com o território, o elevado, o que não é digno senão dos grandes livros, enquanto o que o de Moral assume um caráter mais prático e direto, digno de um homem de ação.

Assim, pois, se a ideia destas civilizações foi a da posse da virtude como meio de atingir os seus Deuses, tanto os Gregos, como os Romanos, referiam-se à mesma coisa quando falavam de Ética e Moral. Tratava-se de harmonizar o homem, de ajuda-lo, afim de que nele surgissem as fontes da justiça e do bem que lhe permitissem beber as águas da Divindade.

Hoje não podemos reconstruir uma cidade grega ou um Império Romano tal como existiam há 20 ou 35 séculos, mas podemos fazer o seu velho conceito, nunca deteriorado, de Ética e de Moral.

**8.12.1 A ÉTICA E O ESPELHO DA CULTURA**

A virtude era um suplemento de honra, criado pela disciplina da vontade dos que aspiravam à glória ou a imortalidade. Por que se imaginavam livres e capazes de exercer influência sobre si e sobre os outros, os indivíduos tentavam ser “excelentes” no que faziam ou na maneira como viviam. O herói fosse corajoso, santo ou sábio, era tido como modelo do “homem virtuoso”. Era alguém que se alçava acima das circunstâncias e da estreita necessidade para criar algo novo em matéria de exemplo moral.

Na ideologia do bem-estar, o que conta não é a virtude, é o sucesso. A distância Ética entre os dois enormes. O sucesso é diferente a virtude. Seu parâmetro é a visibilidade. Donde a simbiose com a publicidade ou o “espaço publicitário”. O sucesso vive da publicidade e ambos dependem do mercado de objetos. O sucesso só é sucesso se é notícia, se é um artigo, um produto vendável. Na mídia, pessoas, coisas ou eventos recebem o mesmo tratamento.

O espaço publicitário considera irrelevantes as tradicionais divisões entre fatos e valores, público e privado. O virtuoso e o vicioso; o banal e o extravagante; o sublime e o monstruoso; o simulacro e a realidade; o caricato e o autêntico, tudo é nivelado, no noticiário, pela medida do sucesso de vendas. Não se pede mais ao indivíduo que “excelência”, pede-se que “apareça”, que “se mantenha em cartaz”. Não se pede mais que pense em qual é a melhor escolha moral para ele e para o outro, pede-se que calcule qual a melhor tática para ser “bem-sucedido”. A dignidade do sujeito moral perdeu sua função de fundamento da Ética. Só é noticia se, no momento e na circunstância revelar-se um produto vendável.

O sucesso tornou-se um meio “naturalizado” ou “socializado” de construção de identidade pessoal. Os ídolos da publicidade não precisam ser “excelentes” no que são ou fazem. O emblema do sucesso é a permanência em cartaz e os objetos que exibem. A angústia do anonimato causa inveja do sucesso e avidez pela publicidade, porque o sucesso é praticamente o único modelo de individualização deixado aos indivíduos. Modelo que reafirma a importância da posse de objetos de consumo como espelho identificador. Eu sou aquilo que possuo. Quanto mais possuo, em qualidade, mais sou bem-sucedido.

A precariedade desse modelo de identificação salta à vista. No momento em que depende dos objetivos de consumo para construir o sentimento de identidade, abandonado a crença na autonomia e na independência do sujeito moral diante de suas circunstâncias. Antes éramos felizes ou infelizes, bons ou maus; agora somos obsoletos, imprestáveis, inutilizáveis, economicamente inviáveis ou, pelo contrário, algo que tem valor de venda, potencial de lucro, liquidez, etc.

Para ser “alguém”, é preciso ter aquilo que os que pertencem aos grupos privilegiados têm. A posse de objetos passa a ser o foco da disputa imaginária da individualização ou da promessa da felicidade e do bem-estar individual. Quem tem “é” e quem não tem “não é”, pode “deixar de ser” ou “não merecer ser”. Na violência urbana isto fica claro. Os delinquentes de pés descalços não hesitam em tirar a vida de quem quer que seja para apropriar-se de objetos de ostentação. A indiferença recíproca das classes sociais na cultura urbana brasileira é espantosa e feroz. Quem mata entende que a vítima só vale pelo que possui, como objetos de consumo ostentador. Quem morre mal sabe que só valia pelos objetos que possuía. Ensinaram-lhe a acreditar nesse princípio.

O particularismo da identidade da minoria é uma variante do modelo individualizador pela via do objeto. Sublinhando o pertencimento a uma comunidade de predicados físicos, os indivíduos buscam na realidade o referente moral para suas identidades. Quando grupos de pessoas se identificam como gays alegam que suas inclinações eróticas devem ser respeitadas, porque a “ciência” vem provando – o que é mais do que contestável – que a tendência erótica individual é determinado por uma tipicidade genética, mostram o quanto desconsideram qualquer motivo moral como razão suficiente para exigirem a consideração que lhes é devida. O mesmo acontece com pessoas que se dizem “negras” e também acham que merecem tratamento moral respeitoso porque seus predicados físicos são “naturais”.

Não precisamos em nossa tradição cultural, recorrer a argumentos particularistas ou naturalistas para defender o direito que têm os indivíduos de serem respeitadas em suas vidas públicas ou privadas, independentes dos traços físicos ou das suas preferências morais, emocionais, sexuais, religiosas, etc.

A valorização da natureza, neste caso, é semelhante ao relevo dado ao corpo na construção de outras identidades pessoais contemporâneas. Responde ao mesmo desejo de encontrar, fora da linguagem e, consequentemente, fora da Ética, um solo seguro e objetivo que possa dar fundamento as nossas escolhas morais. O desprestígio do ideal de sujeito moral condena a ideia da escolha ao rol dos valores em desusos. A incerteza quanto ao desejo é substituída pela certeza da presença plena, sem indecisões da “natureza do objeto”.

Tampouco é o de não resolver problemas de semântica formal, a exemplo da questão de como derivar “o que é” de “o que deve ser”. Como mostrou Cavell, a autonomia da moral não precisa de argumentos deste quilate para afirmar-se como verdadeira. Não ajo moralmente, de modo autônomo, porque disponho de critérios racionais para dizer que “não tenho como inferir a sentença, devo fazer isso da sentença porque Deus, a natureza, a razão, o bom-senso, a ciência, etc., mandam fazer isso, a menos que as sentenças sejam suplementares por uma premissa Ética do tipo devo obedecer ao que Deus, a natureza, a razão, o bom-senso, a ciência, etc, mandam fazer” (Cavell, 1979).

Ajo moralmente porque adquiro a habilidade de jogar um jogo de linguagem em que aprendendo a me ver como um sujeito que delibera em situações de conflitos e de que é capaz de justificar a ação de que é autor. A moral do bem estar, porquanto particularista e determinista, é autoritária. Jogamos no lixo da história pelo menos alguns milênios de tradição cultural.

O hediondo exemplo do nazismo, com racismo biologista é estatizante, é a ilustração paroxística do particularismo determinista em matéria de Ética ou moral. Desenhando o ideal do sujeito moral como uma invenção dos fracos e impotentes e ensinando aos indivíduos que moral é um subproduto de peculiaridades “raciais”. No Brasil, a proliferação de identidades particularistas mostra o fascínio desta ideologia.

Se discutirmos até hoje o que é o bom e o mal, é porque pudemos imaginar um sujeito moral a quem atribuímos o poder de ser causa interior dos atos linguísticos descritos como éticos. Este sujeito foi concebido como capaz de alterar suas próprias circunstâncias e, portanto, de ser imprevisível nos atos que inaugura, contra as determinações de seu passado. Estamos sempre recriando o bem e o mal.

Por isso o bem, nas sombras dessas contingências só pode ser visto como nos espelhos, em enigmas. Mas porque somos imprevisíveis, insistimos em nos descrever como seres morais hereditários de uma dada tradição. Sem imprevisibilidade não haveria escolha moral, e, sem tradição moral, não haveria porque escolher.

Como dizemos em psicanálise, só existe sujeito a partir de um horizonte de ideias. O sujeito só reconhece como sujeito quando pode dar uma descrição ideal de si, sem o que não poderia julgar o que é. Este é o jogo de imagem da idealidade como condição da subjetividade. Sem a idealização da imagem do sujeito moral, não teríamos como saber o que é um sujeito ou se o sujeito que temos diante de nós é um sujeito como nós.

E, sem está habilidade, dificilmente teríamos condições de definir “crueldade como aquilo que de pior podemos fazer ao semelhante”. Quando pensamos em assassinatos compulsivos; em extermínio sistemático dos seres humanos, adultos ou crianças; na indiferença desumana com que somos capazes de tratar aqueles que o preconceito ensina que são “homens inferiores”, na explicação impõe-se: o autor da violência não vê na vítima um sujeito como ele. Que pode sofrer como ele; amar como ele; ser feliz ou infeliz como ele.

Abdicando da ideia de sujeito moral em favor de identidades parcializadas, construídas pelas regras do mercado dos bens ou pelas marcas da realidade em nossos corpos, atravessamos uma fronteira sem conhecer o outro lado. Nada mais fácil do que gozar com a crueldade infligida ao outro.

Basta que o vejamos como objeto, como alguém que não é um sujeito como nós porque não possui os mesmos bens materiais, os mesmos traços físicos ou as mesmas crenças morais que possuímos. O que Freud chamou de pulsão de morte é esta tendência a gozar como o sofrimento ou destruição do outro, visto como objeto de uso para nossa excitação pulsional.

O que ele chamou de pulsão de vida são todos os artifícios da linguagem que nos fazem crer em realidades linguísticas como o da existência de um sujeito moral a quem devemos a obrigação de respeitar física e moralmente. Não se abandonam impunemente estas crenças.

É preciso que o que entendemos por amor, amizade, solidariedade, fraternidade, generosidade, e, inversamente, por crueldade, indiferença, etc, nada mais signifique para que uma forma de vida possa tomar o lugar da atual. Se isto vier a acontecer, o mundo não será o mesmo. Muitas entre nós não saberiam o que fazer de um mundo assim. Como viver num mundo assim?

**8.13 POLÍTICA, TRANSPARTIDARISMO E VALORES ÉTICOS**

Há clamor público reivindicando Ética na política e nos políticos. Infelizmente, no mundo inteiro estão estourando escândalos provocados por faltas Éticas de políticos.

Passamos alguns dias recolhendo palavras e termos pronunciados na TV ou nos jornais; eis alguns exemplos: corrupção, mal versão do dinheiro público, formação de quadrilha, falsidade ideológica, desonestidade, compra de votos, abuso de poder, demagogia, promessas não-cumpridas.

O que o público exige é que seus representantes eleitos sejam de tudo altruístas, dedicados à causa pública e honestos. O público exige fidelidade aos compromissos assumidos durante as campanhas ou depois aos partidos e programas que lhes são próprios.

Começamos por uma breve análise da reclamação do público como critérios das características Éticas exigidas da política e dos políticos.

Há outra maneira de abordar a questão. Podemos procurar em nome de que valores os partidos se unem e costumam votar a unanimidade. Isto também nos dá uma pista para definir os valores éticos comuns à política. Temos aqui uma questão de transpartidarismo político. Transpartidarismo é um termo que forjamos para designar os axiomas e princípios comuns a todos os partidos políticos. É aquilo que todos preconizam e que os une acima das diferenças.

No primeiro simpósio que realizamos num congresso holístico em Pirenópolis, ficou bastante evidente: hoje em dia existem poucas diferenças entre programas partidários. Todos se regem pelos mesmos princípios. Se olharmos mais de perto, e aí há todo um programa de pesquisa social e axiológica, aparentemente todos os partidos procuram atender os direitos do povo, a atender as exigências dos sete centros energéticos acima descritos.

Alguns partidos colocam mais ênfase nos fatores ligados à segurança (alimentação, vestuário, abrigo), outros, no exercício adequado do poder político e nas relações de poder do partido com o poder do governo.

Não há duvida o que une e desune os políticos é o amor e o poder, ligado ao terceiro centro energético. Ora, se há uma profissão que necessita, por definição, de mais altruísmo é sem dúvida a de político. O grande desafio de um político é passar do terceiro ou quarto centro energético, isto é, do amor ao poder do amor.

Ao fazer isso, ele será um exemplo de amor e fraternidade e restabelecerá a unidade da trilogia: liberdade, igualdade e fraternidade, condição para existência de uma verdadeira democracia. Esta trilogia foi fragmentada e dilacerada: o capitalismo, como vimos antes, ficou com a liberdade, mas sacrificou a igualdade; o comunismo fez o contrario; o nazismo suprimiu os dois princípios; e os três regimes relegaram a fraternidade às religiões. Um verdadeiro democrata cultiva e incentiva nos outros essa Trinidade: LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE.

|  |
| --- |
| **ASSISTA**  [**https://www.youtube.com/watch?v=Hcr0cDo0UPQ**](https://www.youtube.com/watch?v=Hcr0cDo0UPQ)  **TRECHO FILME PONTO DE MUTAÇÃO –** O Ponto de Mutação é um livro de Fritjof Capra publicado em 1983.  SINOPSE TRECHO: VISÃO POLÍTICA MECANICISTA |

|  |
| --- |
| **Ética e moral**  [**https://www.youtube.com/watch?v=m3b8MQkX15Q**](https://www.youtube.com/watch?v=m3b8MQkX15Q)  **Entrevista de Jô Soares a Mário Sérgio Cortella** |

**8.14 CRIATIVIDADE - PORQUE “SOCIALISMO CRIATIVO”**

|  |
| --- |
| **O SOCIALISMO DE MERCADO DEU NOVO PASSO EM DIREÇÃO À ECONOMIA CRIATIVA, INCORPORANDO CRIATIVIDADE ESTRATEGICAMENTE NO PLANEJAMENTO COMO NOVO VALOR.** |

O desenvolvimento das formas produtivas e das relações de produção, em qualquer variante teórica, tem na tecnologia um ponto de inflexão. A revolução tecnológica dos últimos anos está provocando uma nova era onde as relações econômicas estão sofrendo profundas transformações. Uma das principais na comunicação digital que transitou de comunicação de massa predominante até o final do século XX para a intercomunicação individual, com todas as consequências qualitativas representadas por essa mudança, como bem observou o teórico espanhol Manuel Castells.

Se nós últimos cem anos o capitalismo demonstrou sua criatividade criando produtos de valor universal, exportando cultura e até mesmo modos de vida, o socialismo, supostamente seu sucedâneo histórico, precisará demonstrar um potencial criativo pelo menos igual. Ou que dará vencido, nessa área, como o socialismo soviético que se revelou incapaz de criar marcas e produtos aptos a disputar com os produtos do capitalismo, especialmente na área da economia criativa, intensivas em design.

Em outras palavras o capitalismo moderno só será efetivamente superado por um socialismo criativo.

Essa perspectiva de médio e longo prazo já consta na pauta da sociedade socialista mais avançada do mundo, a China, e tem como objetivo substituir a marca o “Made in China” para ostentar o “Design in China”. Não há dúvida que o próprio regime de partido único, clássico das antigas ditaduras do proletariado, atestam o caráter socialista da China. Pressentindo, talvez, a inviabilidade da manutenção eterna desse regime político e dos baixos salários pagos, especialmente nas ZEE’s (Zonas de Economia Especial) onde se implantaram as indústrias estrangeiras, é que o “socialismo de mercado” deu este novo passo em direção a Economia Criativa.

E se a criatividade já foi incorporada estrategicamente no planejamento em pelo menos uma das sociedades socialistas, deverá ser incorporada com um novo valor na agenda dos partidos que lutam pelo socialismo democrático no mundo. Especialmente nos países emergentes e desenvolvidos, onde as forças produtivas já alcançaram um certo grau de desenvolvimento.

O socialismo criativo não inclui apenas a economia criativa, mas a inovação no seu sentido mais amplo, a sustentabilidade ambiental, o empreendedorismo como uma das novas formas de organização de trabalho e as novas formas e metodologias de organização social e política incluem-se os partidos, especialmente os partidos socialistas.

Se a criatividade capitalista tem como objetivos principais a ampliação do mercado e do lucro, a criatividade socialista deve ter como objetivos a ampliação dos espaços de liberdade na sociedade e o bem estar das pessoas.

O capitalismo vê a evolução tecnológica apenas como forma de aumentar os seus lucros, pouco se importando com o que ficou para trás das formas de produção superadas pela tecnologia. Já a luta dos socialistas deverá levar em conta que é preciso recolocar e requalificar trabalhadores cujo o trabalho foi superado pelas novas formas de produção. Para os socialistas, é preciso, por exemplo, pensar criativamente em como colocar no mercado de trabalho os taxistas substituídos pelo UBER e futuramente pelos carros robôs.

Sem deixar de apostar e investir na inovação, muito menos tentar impedir os avanços tecnológicos, a criatividade socialista será utilizada para inovar socialmente na ampliação dos espaços de trabalho, dos trabalhadores e dos empreendedores. Ampliar, também, os serviços do terceiro setor onde os estados e as empresas não estão presentes.

Em um raciocínio simples e esquemático, se o capitalismo criativo está voltado para atender o lucro das empresas, o socialismo criativo deverá voltar-se para o bem estar social e a valorização do trabalho, inclusive o trabalho criativo.

O capitalismo tem na força de inovação tecnológica e no desenvolvimento da economia criativa um modo de reproduzir-se e perpetuar-se. O socialismo criativo tem nessa mesma força, uma forma de alcançar uma sociedade socialista onde os meios de produção sejam de propriedade social e o trabalho libertado da exploração.

Ou seja, o socialismo criativo deverá se constituir na dimensão humana do desenvolvimento das forças produtivas e da revolução tecnológica.

Melhor dizendo, a dimensão humanista, pois, segundo o jovem pensador israelense Yuval Noah Harari, o humanismo é um “novo e revolucionário credo que conquistou o mundo no século mais recente”, um processo que ele denominou de Revolução Humanista.

Assim, os socialistas modernos veem a economia criativa não apenas como o conjunto das atividades nas quais o talento humano é a principal matéria prima, mas também como estratégia de desenvolvimento para orientar políticas públicas de incentivos e apoiar a inovação tecnológica e a cultura, componentes básicos da referida economia nas sociedades ainda capitalistas e nas futuras sociedades socialistas.

**8.14.1 TURISMO E ECONOMIA CRIATIVA, UMA SOMA ESTRATÉGICA**

OS PIB’s DO TURISMO, DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS E DA PESQUISA E DESENVOLVIMENTO CORRESPONDEM A 6,9% DO TOTAL DAS RIQUEZAS SOMADAS NA ECONOMIA CRIATIVA. SEM CONTAR QUE GERAM EMPREGOS PARA MAIS DE QUATRO MILHÕES DE PESSOAS.

Ambas as atividades, admitindo-se que são distintas, apresentam taxas de crescimento superiores ás da economia brasileira em geral. O turismo cresce a 7,7% a.a. no Brasil. E a Economia Criativa cresceu 6,9% a.a. entre 2004 e 2013, segundo levantamento da FIRJAN. Nesses 10 anos, o PIB brasileiro cresceu a menos de 3% a.a.

O turismo está em quinto lugar na pauta das exportações brasileiras. Somente suas atividades típicas e diretas – hotelaria, transporte, gastronomia, organização de viagens, eventos – significam 3.7% do PIB. Emprega 2.9 milhões de trabalhadores. Isso sem contar com o que representa na indução a outras atividades, como construção civil (hotéis, centros de convenções), compra de televisores, computadores, enxovais, que são contabilizados pelo IBGE nas contas específicas da construção civil, eletroeletrônicos e confecções.

As duas atividades – ou a economia criativa incluindo o turismo – precisariam de Contas Satélites elaboradas pelo IBGE para qualificar as suas verdadeiras dimensões econômicas. Mas porque esses setores, que não estão juntos, fazem parte de um mesmo contexto econômico e cultural?

Ora, a característica mais importante da Economia Criativa é a centralidade do intangível como fator gerador da produção. Suas áreas mais conhecidas são música, artes cênicas, áudio visual, edição de livros e periódicos, design, artesanato, gastronomia e criação de softwares.

Os, “setores criativos são aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo, gerador de um produto, bem ou serviço, cuja a dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social”, como diz o Plano de Economia Criativa.

Poucas atividades constitue-se em algo mais cultural e criativo que uma viagem. Segundo a especialista Lala Deheinzelin “vivencias diferenciadas e valores simbólicos agregados aumentam a percepção de valores e fazem com que o intangível valha mais que o tangível”.

E é isso que, basicamente, a viagem como centro gerador da atividade turística proporciona: novos conhecimentos, novas vivências, no descobrimento, novas sensações de prazer e de crescimento cultural. A diversidade cultural, aliás, é um dos maiores ativos do turismo.

Economicamente, a fruição cultural, mesmo do turismo chamado de massas, tem contribuído para ampliar e fortalecer os museus, as casas de espetáculos, o patrimônio natural, o artesanato, as novas experiências culturais, a música, a dança, o teatro. Em geral, cidades criativas têm no turismo uma das suas principais atividades econômicas.

A elaboração de um roteiro, a criação de um filme para um destino turístico, a própria formação de um destino turístico, os criativos sites de viagens com intensa troca de experiências, a criação de marca que sintetizam a força cultural, a beleza, o encantamento de uma cidade ou de um país, não são, por ventura, atos criativos que “resultam em produção de riqueza cultural, econômica e social”? Em tudo isso não prevalece uma dimensão simbólica?

Em uma revisão do Plano Nacional da Economia Criativa deveríamos colocar o turismo como setor criativo nuclear e não um setor relacionado. Contudo, mais importante que isso, é a constatação que a simples soma dos PIB’s – sem contar o efeito sinergético – do Turismo 3,7% e das indústrias Criativas 2% representam, juntos, 5,8% do PIB. Juntando mais 1,1% o PIB relativo à pesquisa e desenvolvimento, teríamos 6,9% como PIB total da Economia Criativa, empregando mais de quatro milhões de pessoas com rendimentos salariais e taxas de crescimento econômico muito superior à média da economia brasileira.

A demonstração dessa soma talvez possa contribuir para que os governos estaduais, municipais e, especialmente o Governo Federal, abram os olhos e percebam que a Economia Criativa e o Turismo podem vir a ser um vetor estratégico da economia.

E passando a considerá-los estratégicos estabelecem incentivos e políticas públicas semelhantes aos que são dados às exportações, à indústria, à agricultura e à geração de energia.

**8.14.2 ECONOMIA CRIATIVA NO PROGRAMA SOCIALISTA**

|  |
| --- |
| **O PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO É O PIONEIRO, ENTRE TODOS OS PARTIDOS POLÍTICOS DO PAÍS, AO INSERIR O TEMA ECONOMIA CRIATIVA EM SUAS ESTRATÉGIAS.** |

A queda da produção industrial, crescimento pífio do PIB, a destruição de empregos no Brasil é semelhante o que passou a Inglaterra no final dos anos 90 sob a liderança de Tony Blair, do New Labour, o então novo partido trabalhista inglês.

A Inglaterra percebeu que naqueles anos as Indústrias Criativas estavam crescendo a taxas superiores a economia mundial: 5,2% ao ano. E segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), Economia Criativa, como viria a ser denominada a produção e a circulação de bens e serviços culturais, já representava 7,0% do PIB mundial com uma tendência muito forte de crescimento, como de fato se verificou.

Com bastante atraso, como costuma acontecer em nosso país, em 2011 o Ministério da Cultura do Brasil lança o plano de Economia Criativa e implanta uma Secretaria de Economia Criativa no âmbito daquele ministério. Lamentavelmente um ministério fraco com 0,5% do Orçamento Federal e sem poder de articulação. Neste Plano, de qualquer forma, se definiram alguns princípios norteadores de uma poli e um slogan sob o qual deveriam desenvolver – se todas as ações propostas: “Brasil Criativo”.

O circulo virtuoso da criação, produção, distribuição e do consumo/fruição da economia criativa seria dinamizado por uma política publica que fortaleceria as indústrias criativas formais e formalizaria, na medida do possível, o empreendedorismo criativo. O país deslancharia numa nova perspectiva de desenvolvimento econômico.

|  |
| --- |
| **Os núcleos centrais dos governos federal e estadual não percebem que cultura e turismo geram mais empregos de forma sustentável, mais rápida e com menores custos do que a indústria, a construção civil e a energia.** |

E porque isso não aconteceu ainda no Brasil?

Porque os núcleos centrais dos governos federal e estaduais, simplesmente não percebem que cultura e turismo, por exemplo, geram empregos e de forma sustentável, mais rapidamente e com menos custos que a indústria, a construção civil e a energia. Talvez também como se fez no próprio Plano, pelo fato da Economia Criativa “se caracterizar pela abundância e não pela escassez, a nova economia possui dinâmica própria e, por isso, desconcerta os modelos tradicionais, pois seus novos modelos de negócios ainda se encontram em construção”.

O Partido Socialista Brasileiro toma a dianteira nessa questão. É o primeiro partido político brasileiro a colocar o tema na sua estratégia. Com efeito, o PSB inclui a economia criativa como o 11º. Ponto das propostas que configurou a sua posição de Independência Propositiva em 2016. Certamente um avanço significativo para a política brasileira que se faz, assim, mais contemporânea.

*LEIA: BOLETIM CONJUNTURA BRASIL/6*

*SOCIALISMO CRIATIVO UM MODELO VIÁVEL NO BRASIL*

**8.15 SOBRE A EXECUÇÃO**

É um conjunto específico de comportamentos e técnicas que as organizações precisam dominar para terem vantagem competitiva. É uma disciplina por si só. É atualmente a disciplina principal para se atingir o sucesso.

A execução acompanha tudo. Ela permite que você veja o que está acontecendo ao seu redor. É o melhor meio de mudança e transição – melhor do que a cultura, melhor do que a filosofia. As instituições voltadas para a execução mudam mais rápido do que as outras, pois estão mais perto da situação.

|  |
| --- |
| **Para entender a execução, você precisa ter em mente três pontos principais:**   * Execução é uma disciplina e parte integrante da estratégia. * Execução é a principal tarefa do líder da organização. * Execução deve ser um elemento-chave da cultura de uma Organização. |

Execução é um processo sistemático de discussão exaustiva dos como e por quês, questionando, levando adiante o que foi decidido e assegurando que as pessoas terão suas responsabilidades específicas pela execução. Isto inclui elaborar hipóteses sobre o ambiente de negócios, avaliar as habilidades da empresa, ligar estratégia a operações e às pessoas que irão implantá-la, sincronizando essas pessoas e suas várias disciplinas e atrelando incentivos a resultados.

O cerne da execução está nos três processos-chave: o processo de pessoal, o processo de estratégia e o processo de operação.

As pessoas executam os planos mecanicamente e o mais rápido possível, de modo que possam voltar para seu trabalho normal. Em geral, os gestores e a alta gestão reservam menos do que meio dia por ano para avaliar os planos – as pessoas, a estratégia e as operações, ou seja, pouca dedicação se dá ao funcionamento do Plano Estratégico.

As pessoas em sua maioria saem sem comprometimento com os planos de ação que elas ajudaram a criar. Essa é a fórmula para o fracasso. Você precisa de um diálogo consciente para identificar a realidade do negócio. Você precisa responsabilizar as pessoas pelos resultados. Você precisa acompanhar as execuções das decisões para assegurar que os planos estão nos trilhos.

Quem vai fazer o trabalho e como será avaliado e responsabilizado? Que recursos humanos, técnicos, de produção e financeiros são necessários para executar a estratégia? A organização terá os recursos que precisa daqui a dois anos, quando a estratégia for para o próximo nível?

Disciplina de execução não funciona, a menos que as pessoas sejam treinadas nela e a pratiquem continuamente; não funciona se apenas algumas pessoas no sistema a praticam.

|  |
| --- |
| **Os sete Componentes Essenciais da execução**    **Há sete componentes essenciais que formam o primeiro elemento da execução:**   * Conheça seu pessoal e sua organização. * Insista no realismo. * Estabeleça metas e prioridades claras. * Conclua o que foi planejado. * Recompense quem faz. * Amplie as habilidades das pessoas pela orientação. * Conheça a si próprio. |

O realismo é o cerne da execução, mas muitas organizações estão repletas de pessoas que estão tentando evita-lo ou encobri-lo. Por quê? Porque torna a vida desconfortável. As pessoas não querem abrir a caixa de Pandora.

Elas querem esconder os erros. ou ganhar tempo para descobrir uma solução, ao invés de admitirem que não têm uma resposta no momento. Como se faz do realismo uma prioridade? Comece por ser realista. Então, certifique-se de que o realismo irá permear todo o diálogo na organização.

**8.15.1 Conclua o que foi Planejado**

Metas claras e simples não significam muito se ninguém as levar a sério. A falha em dar continuidade às ações é geral nas organizações e a principal causa é da má execução.

A quantas reuniões você já compareceu nas quais as pessoas vão embora sem conclusões firmes sobre quem ia fazer o quê e quando? Todos podem ter concordado que a ideia era boa, mas, como ninguém foi responsabilizado pelos resultados, nada aconteceu. Surgem outras coisas que parecem mais importantes ou as pessoas decidem que não era uma ideia tão boa assim.

|  |
| --- |
| * **Um bom plano estratégico é um conjunto de direções que você quer tomar.** * **Quais são os marcos importantes para executar o plano?** * **Um bom plano estratégico é adaptável.** |

Revisões intermediárias periódicas podem ajudar você a entender o que está acontecendo e quais mudanças no rumo serão necessárias.

|  |  |
| --- | --- |
|  |  |

**8.16 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

|  |
| --- |
| **“Toda a construção, em todos os aspectos de nossa vida, derivam exclusivamente da forma como percebemos a realidade.”.** |

De fato não vemos as coisas como elas são, mas como nós somos. Mudar de mundo, verdadeiramente, é mudar de olhar. Tudo que estabelecemos como nosso foco de atenção é também o que percebemos, encontramos, realizamos e vivemos. Definir o foco, portanto, é a forma de organizar a trajetória da vida, entendendo que cada escolha pressupõe um caminho que contém determinados resultados.

Quando nossos resultados de vida não estão satisfatórios ou não são os mais felizes, isso significa que é tempo de rever nosso foco, nossas decisões sobre onde colocar nossa atenção, energia e interesse.

Toda a construção, em todos os aspectos de nossa vida, deriva exclusivamente da forma como percebemos a realidade. O que ocorre talvez não possa ser escolhido ou evitado, contudo a forma como lidamos com os eventos depende exclusivamente de nossa capacidade de perceber, transmutar e definir. Assim, nosso foco define a qualidade e o valor de cada experiência.

**Sete questões essenciais para ajustar o foco à vida**

Tendo isso em conta podemos ajustar a vida, ao ajustar nosso foco. Assim, vale a pena refletir sobre alguns aspectos para realizar mudanças positivas.

**1ª) Quais são os meus resultados?**  
 Esta é uma pergunta pragmática. Não importa aqui as razões, desculpas ou justificativas. O que vale mesmo são os resultados concretos e mensuráveis e é a partir deste diagnóstico que se pode perceber a necessidade de promover mudanças e ajustar o foco.  
  
**2ª) Que resultados desejo?**  
  
 Definir o que queremos, levando em conta as condições, valores e esforços necessários, é um primeiro movimento para redefinir o foco e ajustar nossa trajetória.

**3ª) O que me impede de conseguir o que quero?**  
  
 Ter clareza das limitações sejam elas pessoais como medo, incapacidade, desconhecimento ou oportunidades; sejam elas condicionais, como tempo, recursos ou pessoas, é uma parte importante do diagnóstico e permite que um novo e aprimorado plano de ação possa ser estabelecido.  
  
**4ª) O que possuo para realizar meus propósitos?**

Um inventário de habilidades, capacidades, recursos disponíveis, contatos, oportunidades identificadas e conhecimentos, permitem que a equação tenha uma soma positiva e que sejamos inspirados à ação.

**5ª) Quais minhas motivações?**

Conhecer o que nos move a buscar determinado resultado e quais os esforços que estaríamos dispostos a fazer para realizar os propósitos são a base onde fundamentamos nossa ação e persistimos em nossos objetivos, independente dos desafios.

**6ª) Quais meus temores?**

O autoconhecimento é a melhor e mais eficaz forma de desenvolver um projeto de vida sustentável, íntegro e pleno. Conhecer nossos medos, receios, ansiedades e angústias é uma maneira de identificar os obstáculos internos para poder superá-los.

**7ª) O que estou fazendo para alcançar meus propósitos?**

Somente a ação pode nos levar a resultados, desta forma é fundamental identificar como estamos agindo em prol de nossos objetivos e ter a clareza de que toda ação equivale a uma reação proporcional e contrária, que serão os resultados almejados. Assim, se desejamos que a flor floresça precisamos enterrar a semente.

Estes são os aspectos mais essenciais para o ajuste preciso de nosso foco de vida, carreira, relacionamento, saúde, ou qualquer que seja a área que queiramos trabalhar e desenvolver. Nada muda se não mudarmos, este é o convite para afinarmos nosso instrumento de navegação e trilharmos os caminhos primorosos da vida.

Reflita sobre isto.

Suerte!

**8.17 REFERÊNCIAS**

Artigos de Dulce Magalhães sobre o que é ser cidadão e Foco. Florianópolis: UNIPAZ, 2015.

BENNIS, Warren e NANUS, Burt. *Líderes, Estratégias para assumir a Verdadeira liderança*. São Paulo: Harbra, 1988.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

Bolentim Conjuntura Brasil/Fundação João Mangabeira. *Socialismo Criativo, um modelo viável no Brasil*. Brasília: FJM, 2017.

BOSSIDY, Larry. CHARAN, Ram. *Execução, a disciplina para atingir Resultados*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Tradução de Álvaro Cabral.São Paulo: Cultrix, 1982.

COVEY, Stephen R. *O 8º. Hábito: da eficácia a grandez*a. São Paulo: Elsevier, 2005.

CREMA, Roberto. ARAÚJO, Washington. *Liderança em tempo de transformação*. Brasília: Letrativa, 2001.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

KELLNER, Helbert. Modêlo de Competências

KOUZES, James M. POSNER, Barry Z. *O desafio da Liderança*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LEÃO, Deusilene. ARAÚJO, Cristiano (org.). *Fórum Nacional de Gestão da Ética nas Empresas Estatais: Ética e direitos humanos no ambiente corporativo.* Goiânia: América, 2014.

SELSNICK, Philip. *Algumas Premissas sobre liderança. A liderança na Administração*. Rio de Janeiro: FJV, 1972.

SENNETT, Richard. *O declínio do Homem Público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

**8.18 TEXTOS DE APOIO**

**8.18.1 A REPÚBLICA DO SILÊNCIO**

O ato ético é um ato de liberdade e o ato de liberdade é um ato de oposição e resistência.

“A liberdade tem necessidade de desafios para se manifestar.”

Nunca fomos mais livres do que sobre a ocupação alemã. Tínhamos perdidos todos os nossos direitos, a começar pelo direito de falar; insultava-nos todos os dias e tínhamos que nos calar; éramos deportados em massa, na condição de trabalhadores, de judeus, de prisioneiros políticos; em todos os muros, jornais, cinemas, reencontrávamos está imagem imunda e insípida de nós mesmos que nossos opressores queriam-nos passar: apesar de tudo aquilo, nós éramos livres.

Justamente porque o veneno nazista se introduzia continuamente no nosso pensamento, cada pensamento justo era uma conquista; justamente porque uma polícia todo-poderosa procurava nos silenciar, cada palavra tornava-se preciosa como uma declaração de princípios; justamente porque nós éramos perseguidos, cada um de nossos gestos assumia a dimensão de um compromisso.

As circunstâncias, frequentemente atrozes de nosso combate, levavam-nos a viver sem dissimulação e sem véu essa situação de dor moral, insustentável que denominamos condição humana. O exílio, a prisão, a morte que mascaramos habilmente nas épocas felizes, eram para nós objeto constante de preocupações, nós aprendíamos que tais coisas não são acidentes evitáveis, nem mesmo ameaças constantes, mas exteriores: era preciso ver isso tudo o nosso quinhão, nosso destino, a origem profunda de nossa realidade humana; a cada segundo, vivíamos plenamente o sentido desta pequena frase banal: “Todos os homens são mortais”.

E a escolha que cada um fazia de si mesmo era autêntica, porque era feita em presença da morte (...). E, não falo aqui desta elite que foram os verdadeiros Resistentes, mas de todos os franceses que, a toda hora do dia e da noite, durante quatro anos, disseram não (...). Assim, a própria questão da liberdade nos era colocada e estávamos à beira do conhecimento mais profundo que o homem pode ter dele mesmo. Pois, o segredo de um homem não é seu complexo de Édipo ou de inferioridade: é o próprio limite de sua liberdade, é seu poder de resistência aos suplícios e à morte.

Jean Paul Sartre

**8.18.2 TEXTO DE SÖREN KIERKEGAARD**

***O ético, diferente do moral, não se encontra em regras ou normas. O indivíduo ético entende o dever como decorrente de sua própria natureza.***

É bastante curioso que, falando do dever, pensemos em algo exterior, embora a própria palavra se referisse a algo interior; pois, aquilo que pesa sobre mim, (...) decorre de minha verdadeira natureza e mantém relação essencial comigo mesmo. O dever não é uma formalidade, é algo que apoia em. Se um indivíduo vê o dever desta maneira, isto significa que se orienta por si mesmo. O dever, então, para ele, não se desmembrará em certo número de disposições particulares, o que indicaria uma relação externa com o dever. Ele se reveste do dever, que é para ele a expressão de sua mais íntima natureza. Orientado, desta maneira, por ele mesmo, ele se torna profundamente ético, não se sentindo pressionado a fazer o possível para cumprir com seus deveres. O indivíduo verdadeiramente ético, consequentemente, experimenta tranquilidade e segurança, porque seu dever não está fora, mas nele. Quando mais profundamente um homem baseia sua vida na Ética, menos sentirá necessidade de falar constantemente do dever, de se inquietar por saber se cumpriu ou não seu dever, enfim, de consultar a cada instante os outros para saber qual é o seu dever.

SörenKie rkegaard, filósofo dinamarquês (1831 – 1885)

**8.18.3 CADERNOS POR UMA MORAL**

***O ato ético é um ato de liberdade e ato de liberdade consiste em assumir as situações em suas singularidades, ultrapassando-as, seja no que diz respeito a si mesmo, ao outro ou às coisas.***

Não posso me liberar da minha situação de burguês, de judeu, etc., se não assumindo-a para mudá-la. E de maneira inversa, não posso conservar certos “estados” e “qualidades”, dos quais tenho orgulho, senão ultrapassando-os, isto é, não os conservando tal como são (virtudes mortas), mas transformando-os em perpétuas hipóteses novas, direcionadas para um futuro novo. Não me mantenha tal qual sou, senão graças ao movimento pelo qual invento o que vou ser, não ultrapasso o que sou, senão conservando-o. (...) Sendo minha situação, sob certos aspectos, resultante do mundo como um todo, ela muda com o mundo, ela é pelo mundo mudada e, na medida em que sou passividade, sou afetado na minha própria condição fatual pela ordem do mundo.

Assim, ao atravessar uma zona de contágio, sou afetado, isto é, contaminado. Eis-me tuberculoso, por exemplo. (...) Essa doença que me infecta, me muda, me enfraquece, limita bruscamente minhas possibilidades e meus horizontes. Eu era ator ou esportista; por causa de meus pulmões já não posso mais ser nem um nem outro. Assim, de maneira negativa, estou liberado de toda responsabilidade concernente às possibilidades que os acontecimentos me tiraram. É o que linguagem popular chama de diminuído.

E esta palavra parece conter uma imagem correta: eu era um buquê de possibilidades, tiraram-me algumas flores, o buquê permanece no vaso, diminuído, reduzido a alguns elementos. Mas, na realidade, não é nada disso: esta imagem é mecânica. A situação nova, embora vinda de fora, deve ser vivida, isto é, assumida mediante um ultrapassar. É verdadeiro dizer que tais possibilidades me foram tiradas, mas é igualmente verdadeiro dizer que renunciou elas ou me agarro a elas ou que não quero enxergar que me foram tiradas ou que me submeto a uma disciplina de vida com a finalidade de reconquistá-las.

Enfim, estas possibilidades não são na verdade, suprimidas, mas substituídas por uma escolha de atitudes possíveis decorrentes do próprio desaparecimento destas outras possibilidades. E, por outro lado, surgem, com a minha nova situação, possibilidades outras: possibilidades no que se refere a minha doença (ser um bom ou um mau doente), possibilidades concernentes à minha condição (apesar de tudo, ganhar a minha vida, etc.); um doente não possui possibilidades nem mais nem menos do que alguém sadio; da mesma maneira que a pessoa saudável, ele possui um leque de possibilidades e tem de decidir sobre a sua situação, isto é, assumir sua condição de doente para ultrapassá-la (em direção à cura ou uma vida de doente com novos horizontes).

Em outras palavras, a doença é uma condição dentro da qual nos encontramos novamente livres e sem desculpas. (...) Assim, há uma verdade na norma moral que coloca a grandeza do homem na aceitação do inevitável e do destino. Tal norma, porém, é incompleta, pois é preciso assumir o destino, mas com a condição de mudá-lo. Não se trata de adotar a doença, de nela se instalar, mas de vivê-la segundo as possibilidades novas para permanecer humano.

Jean Paul Sartre

**8.18.4 ÉTICA**

**Ético é almejar o que é útil para todos em comum.**

**“Obedecer à razão é ser virtuoso, mas a virtude é renúncia.”**

Há, pois fora de nós muitas coisas que nos são úteis e que, por essa razão, é preciso almejar. Entre elas, o pensamento não pode inventar melhores do que aquelas que respondem inteiramente a nossa natureza. Assim, por exemplo, se dois indivíduos inteiramente da mesma natureza se juntam um ao outro, eles compõem um indivíduo duas vezes mais poderoso do que cada um deles separadamente.

Pois nada há de mais útil ao homem do que o homem; digo pois que os homens não podem desejar nada que valha mais para a conservação do seu ser do que se unirem todos, em todas as coisas, de forma que as Almas e os Corpos de todos componham, de alguma maneira, o seu ser, e do que busca todos juntos a utilidade comum a todos; segue-se, então, que os homens que são governados pela Razão, ou seja, aqueles que buscam o que lhes é útil sob a conduta da Razão, não almejam nada para eles mesmos que eles não desejam também para os outros homens, e são dessa forma justos, de boa-fé e honestos.

Tais são os mandamentos da Razão que eu me propus a revelar aqui. (...) sendo que o meu motivo para fazê-lo foi o de chamar, se possível, a tentação daqueles que creem neste princípio: de cada um é esperado buscar o que lhe foi útil, seja a origem da imortalidade, não da virtude e da moralidade. Após ter mostrado brevemente que se trata do contrário, eu continuo a demonstrá-lo, pela mesma via pela qual temos caminhado até aqui.

Baruch Spinoza

OEVRES